

IDA COM VOLTA SUSPENSÃO**I – Pelo mar abaixo**

Já nem falo dos dias, eles também uma eternidade, mas as noites, essas eram um interminável martírio de insónia, de medo e pavor, populadas por seres fantasmagóricos de toda a espécie. Cada uma era uma viagem dentro doutra viagem; às vezes no mesmo navio, com os mesmos tripulantes e até o mesmo Boletim de Bordo, outras vezes eram terríveis ataques de pânico em viagens por dentro do navio, pelos corredores apertados por beliches de madeira improvisados, pelos porões apinhados de homens, com uma ténue iluminação de silêncio e uma atmosfera irrespirável e densa de fumo e suor, e um medo que se agigantava a cada batida do casco contra as águas.



O Vera balançava docemente, de bordo a bordo, pouca coisa, quase como um cacilheiro (a sua pequena réplica) a caminho do Barreiro, contornando as bóias do Mar da Palha.

Nas madrugadas de Abril e Maio nasce o sol no bordo bom, bem à nossa vista, que cumpríamos esse já ritual de acompanhar o seu giro por cima da chaminé do paquete, até se esconder para além deste bordo, outro. Começáramos uns dois ou

três, puxando insaciáveis um SG ou um Português Suave, aventando o futebolístico discurso do costume, e acautelando a expressão de outros pensares, mais comprometedores, não fossem os esbirros, fardados como nós, se imiscuírem na revelação das nossas generosas vivências. Como outros, também eu contribuía com a experiência da minha militância amadora num processo eleitoral ao qual nos entregáramos sem termos ainda idade para votar, tema que essa canalha gostava de esgravatar quando nos sentia de língua mais solta.

Formávamos assim, romanticamente, o grupo das madrugadas. Os medos partilhados na procura de pequenas pontas de esperança que pareciam esfumar-se na espuma que o navio deixava para trás, a desfazer-se... Resistiam as lembranças, já saudades, dos anos de ouro das nossas vidas, dos amigos que ficaram (ainda), dos tempos curtos e recentes das últimas férias, das nossas aventuras, da nossa malta. Nunca nenhum de nós conformaria o outro com um "tens de ter paciência" mas antes com um "aguenta-te; procura forças para resistires". Falávamos baixo, sempre com um olho naqueles que se aproximavam, prontos a alternar a conversa.

As novidades, poucas, sonhadas, inventadas ou construídas com fragmentos diversos, circunstancialmente actualizadas, germinavam e circulavam neste grupo, e daqui transpiravam para outros menos seguros e menos afoitos. Alguns tinham estado quase a dar o salto... conheciam alguém que estava lá fora, prometiam contactos para o futuro, "mas com cuidadinho, que os gajos abrem o correio todo!", outros tínhamos integrado movimentos académicos contestatários, participado em reuniões gerais de alunos (RGA) e confrontado a polícia nos protestos da cidade universitária. Éramos como uma escola doutrinária, um grupo de "contras". Em nenhum de nós se

vislumbrava qualquer sentimento de orgulhoso patriotismo pelo facto de irmos a caminho desta guerra que sentíamos não ser nossa, nem solução para o problema colonial.

Mas a nossa esperança era constantemente posta à prova. Comunidade à tona d'água, vidas à deriva, estávamos demasiado vulneráveis, imensamente receptivos à influência de qualquer "diz-se que". E se pululavam os clarins da desgraça, apregoando vários medos ao longo da viagem!...

— Pensam que vão para Moçambique? Só depois de passarmos a Ilha de Unhocomo, Bijagós, é que se sabe que não vamos parar em Bissau, porque se parar é para a malta lá ficar!

Das conversas que mantínhamos e da pouca coisa que cada um de nós conhecia, a Guiné era ainda o mais temível destino: pela guerra, pelo clima, pelos esteiros e pantanais. "Então e a bicharada? É a pior de toda a África! — disparava o Xavier, um especialista em todos os assuntos, fauna africana inclusive."

Foi com alívio que bebemos a explicação de um Primeiro que, de planifério na mão, anunciava que as sombras de terra que mal se vislumbravam na neblina do horizonte eram, nada mais, nada menos, que as ilhas do arquipélago guineense.

No meio de tanta tristeza e desalento, o mais insignificante pretexto impunha uma celebração e esta notícia, pela sua importância, tinha de ser adequadamente assinalada. Não desembarcar na Guiné era, para nós, quase um renascer de esperança, ou pelo menos um adiar da morte. De imediato comemorámos com a espuma nacional mais popular, passada pelo balcão-janela da pomposa e despropositada sala de estar, onde se realizavam em dias alternados sorteios de Bingo e concertos de música de baile(!) por uma orquestra de avozinhos, ao vivo.

— Cervejinha Sagres, é bebê-la enquanto estiveres no navio! Quando desembarcares, acabou-se! Só Laurentinas ou 2M, que não têm este sabor, nacional...

Sim, já cá faltava o nacionalismo! Um sabor nacional, uma farda nacional, uma G3 nacional, um exército nacional num navio nacional, duma companhia nacional; território nacional em alto mar. Tão nacional!... Tanto nacional!... "O que é nacional é bom!". E eu? E a malta? Tão nacionais que somos! Tão bons que somos! Temos pontaria, uma pontaria nacional. E levamos Fátima, o Eusébio e a Amália no coração, tão diferentes, tão bons, tão nacionais.

Não é uma peregrinação nem "A Peregrinação" esta viagem, nem é um espectáculo no Olympia que nos espera, nem um jogo em Wembley onde se possa ganhar... moralmente. É uma aventura que não escolhemos, um Viet nacional, nosso.

Escondemos os nossos olhos vermelhos atrás de uns Ray Ban de contrabando, e caminhamos de proa a ré seguindo os peixes voadores. Olhar fixamente o cortar das águas ajuda-nos a entontecer, pode até empurrar-nos pela amurada fora. São 20 metros que nos separam de uma morte certa, e há quem diga que o afogamento é rápido e... indolor. Mas não. Se estamos aqui aguentaremos com firmeza, até ao fim... É uma atitude da nossa geração. Se não demos o salto no momento certo, não é agora que vamos... mergulhar no oceano.

Todas as noites fazíamos um coro (contido) com cantigas do Bob Dylan ou do Zeca: "Eu hei-de morrer dum tiro..."

"— Eh malta, vamos parar em Luanda, disse um gajo da tripulação!"

Era segunda-feira, 4 de Maio de 1970.

Oxalá que a estadia fosse curta. Tomara que o navio zarpe depressa daquela baía imensa e volte rapidamente a navegar. Também Angola era considerada pior do que Moçambique: diziam até que a capital, Luanda, era zona cem por cento operacional, e isso assustava-nos mesmo quanto a umas idas a terra para sentir terreno firme, comer uns camarões, ver umas mulheres!



— Mas vocês pensam que Moçambique é melhor que Angola?! Desenganem-se! O tenente já vai na terceira comissão e prefere Luanda.”

Claro que preferia Luanda. Toda a gente preferia Luanda, e depois de perceber por que é zona cem por cento, ainda mais...

É assim, nunca ninguém sabe de nada. Trazíamos como destino o Ultramar, uma colónia, uma província, uma região militar; mas qual deles? Incerto destino vagamente revelado. Todos esperávamos Moçambique como a terra prometida, mas ainda assim, qual Moçambique? A que bom ou mau porto iremos dar? Tão grande navio só teria cais numa grande cidade. Era o tempo das incertezas, momento propício para a boatagem, e nestes mais de dois mil que aqui vamos, há pessoal que já se especializou na sua invenção e propagação.

— O boato é o melhor aliado do inimigo! Uma campanha de boatos bem organizada pode desmobilizar um exército. — Palavreado do alferes Bentes, da Psico, para a maralha da recruta, em Santarém.

E para nos lembrar constantemente desse “flagelo” lá estava no corredor do refeitório, na EPC, o quadro aterrador do punhal com gotas de sangue e a mensagem explícita: “O boato fere como uma lâmina”.

Eram assim as nossas noites: ansiedade e angústia. Muito álcool, pouco sono, mais álcool, menos sono, e quanto mais de um menos do outro.

Mesmo recolhendo tarde e já com uns “comprimidos” para chamar a dormência, embalados no infindável ranger do navio, o sono voava longe, sobre as águas negras do mar nocturno, também ele sem dormir. Eram os piores momentos... quando o descontrolado pensamento nos leva de viagem pelos meandros da nossa ainda curta vida, e nos perfila para diversos futuros, cada noite uma viagem para um destino diferente. E nessas viagens estou sempre sozinho, no meio do mar remando a minha baleeira de naufrago, ou no meio da selva, aos tiros contra ninguém ou em silêncio amalhado na vegetação, sustendo a respiração com medo de ser descoberto.

Há muito que ficou para trás o Bojador, e já se espera pelo das Tormentas. 54 anos separaram Gil Eanes de Bartolomeu Dias, no século XV, e quinhentos anos depois, mas com esta nau que se move a 22 nós com “todo o pano” dos seus 25500 cavalos, bastou um par de semanas! É a pressa de chegar. Preparemo-nos para a inversão do rumo e aproarmos ao Norte.



(Óleo de Carlos Alberto Santos)

Vai haver mau tempo, dizem, na passagem do Atlântico para o Índico. Mar cão, é verdade que poucas vezes o apanhámos, mas é lá, na ponta de África, que se alevanta “o mostrengo que está no fim do mar...”.

II – Pelo mar acima...

Seguimos para o Sul até a África acabar. Vimo-la ao longe a marcar a fronteira dos oceanos, como um árbitro a regular o combate dos dois gigantes. As vagas eram enormes: varriam a proa e abatiam-se no castelo do comando, em cujo parapeito nos abrigávamos protegendo as máquinas fotográficas com que teimávamos registar o máximo de cenas desse terrífico espectáculo protagonizado pelas forças da natureza. Disseram que era do desnível dos oceanos!!!

O navio seguiria novo rumo, aproando ao Norte, ou ao Nordeste. Nesta parte do globo não nos ajudavam as Ursas nem a Poláris, que ficaram para lá do equador. Talvez o Cruzeiro do Sul, mas eram tantos os astrónomos... amanhã o Sol trocaria de bordos e isso afastaria todas as dúvidas. Com ou sem Rosa dos Ventos, o nosso destino era este, tínhamos um “bilhete” para o fim-da-linha, última paragem (sabe-se lá onde)...

Ainda tardava o fim da viagem e além do mais, este navio antes civil e que era agora um navio militar (militarizado), não iria aportar na África do Sul. Seria correr um grande risco pois algum de nós poderia enfiar-se nesta outra selva, sem Mueda nem Macondes.

“Vira a proa minha galera, que a vitória já não espera” — um trauteio mental acompanhado a assobio. Sim, estes somos nós, navegando de vaga em vaga, preferindo ir pelas praias do mar. Mas a vitória, essa, tantas vezes anunciada e, afinal, nunca celebrada, continuava a ser como uma miragem. Poderia até aparecer-nos vestida de ceifeira, à nossa espera no meio da selva... de preto, preta, com a gadanha a luzir à lua e olhos de Vincent Price.

Não, não iríamos aportar a Cape Town.

— Querias?! Sobes dois dias e estarás em LM. Já ouviste falar do Major Araújo, o maior putanheiro das terras de África? Fizeram uma rua em sua homenagem e encheram-na de gajas. São mais de 50 bares à tua espera! — outra vez o mesmo sarja, bem temperado, ao encontro das minhas dúvidas — É a Rua do Crime, eh, eh!



(Rua Araújo - primeiro Governador do Presídio de Lourenço Marques, nomeado em 1781)

Pois foi em 11 de Maio que Lourenço Marques nos trouxe esse desopilância. Tudo para todos os gostos. Ruas com pessoas à civil, cafés e cervejarias. Um Nacional e um Scala e uma enorme avenida sem ondas nem peixes voadores.

Conhecer alguém, conversar. Conversas breves em breves encontros.



Éramos os checas a caminho do norte, bebendo esperança em cada palavra, em cada Laurentina.

Tudo tão efémero... Um dia, duas noites, três dias? Já nem consigo recordar. Uma cidade europeia em África, moderna como Luanda, mas com um cais negro, lúgubre, sem uma baía, sem a baía.

A Beira à nossa espera no dia 15. Cidade antiga e a exhibir essa antiguidade. Com um Moulin Rouge à parisiense e os seus palacetes coloniais a contrastar com uma moderna e monumental estação de comboios. Fervilhava de gente, brancos nas suas balalaikas e camisas de casquinha (das importações macaístas), imensos indianos e paquistaneses (digo eu, sem nunca os conseguir distinguir) e pretos, muitos pretos. Beira, a africana, mais africana que LM.

A curta estada nesta cidade teve para mim um significado muito especial. Meus pais residiam a 600 quilómetros e vieram ao meu encontro. Foi um breve encontro (sempre breves), quase um "olá-adeus". Chorámos juntos.

— Adeus não. — insistia a minha mãe. Até qualquer dia. Escreve sempre, sempre. Qual é o teu SPM? Ó Chico, toma lá nota...

— Trouxe livros. Para ti e para os teus amigos. Se calhar nem vais ter tempo para eles, mas são bons para a insónia. — Era o meu pai a passar-me, entre abraços de despedida, um saco de viagem com uma vintena deles.

E assim nasceu a biblioteca do Nasc... inaugurada nessa mesma noite, após um rápido inventário na companhia do Custódio e do Dias, companheiros de angústia no diminuto camarote ao nível da água.

Seguíamos mar acima, em águas calmas. A costa de Sofala para trás, e nem a Zambézia/Quelimane nos chamava.

— Estamos ao largo de Nampula! — o mesmo sarja, pendulando com o navio, como desculpa. Aqui é qu'era bom! Bom marisco e barato! Hics! Aqui é qu'era bom!

Nem sempre o conseguíamos evitar. "Ao largo de Nampula! O tipo é mas é maluco. Nampula é uma cidade de interior, não tem "ao largo"".

— É o distrito de Nampula, pá. — Doutorava o tenente, debruçado da amurada. São as costas de Nampula. Vamos parar em Nacala, o porto que serve a capital. Capital de distrito e capital militar do norte.

Triste e pobre Nacala, Nacala-a-Velha com efeito, neste 17 de Maio. Fomos a terra de fugida para recuperar o equilíbrio. Fizemos a reportagem fotográfica obrigatória, tão obrigatória como a cerveja, numa cervejaria tão lúgubre como a cidade. Ainda vimos na estação o célebre, estranho e único comboio com rodas de borracha. Inusitadas novidades africanas!

O mapa mostrava-nos a fronteira já tão perto. Mais um dia ou dois de viagem e batemos no limite.

— Oh mãe, onde vamos parar?

Porto Amélia viu-nos passar e nem deu vaia. A nossa viagem perdia a vertente pseudoturística. O ambiente ficava mais frio e silencioso e o pessoal exibia as caras mais fechadas. Um dos alferes que por nós passou descaiu-se com um "estamos quase" para nos aumentar a ansiedade.

Nessa noite ficámos a pé, conversando e bebericando no convés. Nem planos nem combinações e as anedotas não pegavam.

— A quantos estamos? Que dia é hoje? — pergunto-me e respondo-me - Segunda-feira, 18 de Maio de 1970. Toma bem nota desta data porque é o dia da tua chegada à guerra. É o dia em que a tua vida vai mudar. Hoje comesas a crescer. De nada te serve chamares por quem quer que seja. Nem mãe, nem pai. Nem a tua miúda. A partir de hoje és apenas tu. No oceano (ainda) ou na terra que vais pisar. Na terra que se aproxima...

— Onde é que o navio vai atracar?!
Aquilo é apenas uma praia... um
pequeno cais!

É MP! — sargentou o do costume.

Apré! Este gajo sabe sempre tudo!
Será das transmissões? Que raio é
MP? Segundo o mapa, as iniciais
aplicavam-se direitinhas a Mocímboa
da Praia, MP a terra dos leões.

E nós?! Checas, putos, furões, que
feras somos?

Furões! Desembarcando em batelão,
sem horizonte... só nós. Olhando-nos,
nós e o céu...



(Nós, assim, naquele dia, há mais de 40 anos...)

CarlNasc

2010

in <http://CC2702.EU>